

" T E R N U R A A G R E S T E "

Original em três atos de ERICO CRAMER, para o desempenho do seguinte elenco H-2:

- ONOFRE DARCY FAGUNDES
- JANGO BERGE ROBERTO LIS
- OFELIA NINA ROSA
- NICOTA MARIZA FERNANDA
- VITORIO NELSON SILVA
- DR. SODRE GERSON LUIZ
- SONOPLASTIA E SONOTECNICA DE PEDRO AMARO
- EFEITOS DE ESTUDIO POR MOACIR RIBEIRO
- APRESENTAÇÃO PELOS LOCUTORES
- DIREÇÃO GERAL DE ROBERTO LIS

I ATO

OPERADOR CARACTERISTICA DO TEATRO/FUNDE COM MUSICA REGIONAL GAUCHA/DE
PREFERENCIA MUSICA DOLENTE QUE FICARÁ COMO FUNDO PARA AS NARRA
COES

ONOFRE (GAUCHO/NARRANDO) Eu conheci Jango Berge e se me propenho a
les contá o que foi a vida desse gaúcho mal encarado e sizudão
é porque sei, de sobejo, que mui pocos dos que tiveram a sasti
fação de privá com ele, conheceram de verdade aquele índio gua
po que escondia, na dureza dos olho, a beleza do coração. Era
homo que, embora não parecêsse, sabia senti, comó poucos, a a-

legria dos festo e as refrega da morte, mas o causo é que, tanto uma cousa como outra, êle sentia prá dentro, sem dá demonstração, e os que olhavam de longe esbarravam nas vidraça dos seus olhos duro e daí davam vorta sem chegá a conhecê o que de bom e de puro morava naquele peito. (PAUSA E TOM) Quando conheci Jango Borge, já êle andava lá pela casa dos corenta e vivia, casado ou de outro geito, com a chinoca Bermira, filha do capataiz da estância do Coronel Silvestre e que si não era uma moça que se dissesse bonita, também não chegava a sê feia de um tãdo. Naquele tempo êle já tinha alguma cousa de seu e por justo, naquele ano, a lavora do arroiz se apresentava mui buena, crescendo lindaça ao lado da esperança do índio de podê comprá mais um pedaço de terra, algumas cabeça de gado e fazê de tijolo - e mais espaçoso - o rancho prá onde êle vinha de tarde adescansá, despeás das suas luta de sol a sol. E se a vida era dura por vorta daquele tempo, mais dura ainda prometia sê daí prá diante, já que a chinoca tava barriguda, esperando cria dentro de mais quatro ou cinco lua. (PAUSA E TOM) De passo pelo seu rancho, uma noute, êle me deu pouso e na charla que tivemo, depois da janta, acertamo condição prá trabalhá junto e não demorou muito que eu vortasse com os meus pertence e me acampasse por alí. Como o índio era mesmo de cara feia tinha dificuldade de encontrá quem quizesse trabalhá prá êle, mas eu, que sempre ouvia o finado meu pai dizê que quem vê cara não vê coração, botei de lado a feiura do home e arresorvi expremeté. E expremetendo fiquei. Durante vinte e seis ano vivi ao lado de Jango Borge, ajudando a desenvolverê as suas lavora e me entreverando, muitas veiz, na vida do seu rancho. Quando a Bermira tava prá dá a luz, êle me percurou de tardexita, no garpão e me disse: Acho que o baile vai sê prá esta noute, Onofre. Tô vendo a Bermira muito desanimada. Não quero dexá ela solita e se vancê quisesse ensilhá o cavalo e dá uma galopiada até o rancho da vizinha Ofélia e dizê prá ela vim logo, era um favôr de sua parte.

JANGO

ONOFRE

OFELIA

Ensilhei o meu zaino em seguida e batí a meia légua que nós esparava do rancho da véia Ofélia num galope só. Pouco antes de meia noute tava de vorta com ela e já disposto a ficá de olho acêso para o causo de alguma percisão. E foi assim que me assentei na cozinha, chupando mate com Jango Borge enquanto a véia partera vigiava. Lá pelas tanta - devia sê duas ou treis hora, sei lá - a véia chegou na porta da cozinha e falou: Acho bõ começá a aqueotá umas duas chalera dagua que tá meparecendo que a cousa num vai demorá munto.

- ONOFRE Jango Borge pulou da cadeira como cusco que foi pisado na cola e largando a cuia do mate na minha mão, entrou reto no quarto da chinoca. Eu fui tratá de atigá o fogo e buscá um barde dagua na cacimba, prá fervê logo as duas chalera que a véia tinha pedido. (PAUSA E TOM) A agua aqueceu... esfriou... tornou a aquecê... tornou a esfriá e a Bermira nada... De repente, a véia Ofélia apareceu na cozinha e sem dizê nada prá mim abriu a porta que dava para os fundo do campo e ficô ali parada, oiando prá fora, na feição de quem tá fazendo reza. Eu senti logo que a coisa não tava mui buena e arrisquei uma pergunta: (DIALOGANDO) Como é, comadre? Nada?
- OFELIA Nada, seu Onofre. A coisa parece que não tá muito de jeito.
- ONOFRE Quem sabe eu dô uma galopiada intê à vila e trago o dotô?
- OFELIA Já já num precisa, vamo esperá mais um pouco. A primeira cria as veiz é assim; custa mais um mucado. Si até a hora do sol apontá a coisa ainda continuá inveretada, a gente chana.
- ONOFRE (NARRANDO) E dizendo isto, a véia fechou a porta da cozinha e vortou pro quarto da Bermira. Mais uma hora se passô... e nada. Jango Borge apontou, de repente, na porta da cozinha, vindo do quarto. Tava branco de susto e o suor le corria pela testa. Ficô uns instante parado na minha frente e de repente falou:
- JANGO Tá sabe rezá, Onofre?
- ONOFRE (DIALOGANDO) Home... faiz um mundéo de tempo que não rezo. Quando era piázito minha madrinha me ensinô umas reza, mas depois que garrei barba na cara, nunca mais tive conversa com santo. Nem sei le dizê si ainda me alembro das reza.
- JANGO Tente, em todos os ceuso, Onofre. Veja se pode me ajudá que a coisa não tá boa.
- ONOFRE (NARRANDO) Eu fiquei parado, vendo aquele home grande, mastigando com força a bagana dum palhero, a cabeça inclinada prá frente, como se fôsse um jequitibá batido pelo vento, se curvando diante duma força maior que a gente nunca imaginou que êle fosse capaz de arreconhecê. Ele deu as costa sem dizê mais nada e voltou, de pronto, para o lado da chinoca. Eu fiquei solito outra veiz e comeci a dá de pensamento nas reza que havia aprendido quando era piá. Remexia o fundo das minhas lembrança, mas não tinha jeito. Mastigava o Padre Nosso, a Ave Maria, a Sarve Rainha, mas ante de chegá no meio de qualquer uma das reza eu já tava empacado que nem carreta em atolero e não havia impurse que me tocasse prá frente. Também... pudera! Naquelas artura da vida eu já tinha deixado de sê criança e um mundéo de tempo e nunca mais tinha rezado nem o sinal da cruz. Não que eu não

fôsse um home temente á Deus, que isso eu sempre fui, mas o caso é que também nunca fui home de pedi nada - nem mesmo a êle - e por mais que fizesse prá atendê o pedido do Jango, tive que acabá desistindo. Fiquei ali quieto... solito... enjoado comigo mesmo e, no silencio da madrugada, comecar a percebê que os gemido da Bernira já tinham se tornado tão flaquitos que mal e mal a gente podia ouvi dadonde que eu tava. Foi naquele momento justo que comecei a sentí una aperto exquisito no coração e una arrepio pelo fio do lembo, como se já tivesse adivinhado que a "magra" andasse por ali, rondando. Me alevantei do banco adonde tava assentado e, sem me dá bem conta do que tava fazendo, deis una passo, meio desnortado, na direção do quarto da Bernira. Mais ante da empurrá a porta, ouvi a vóiz da véia Ofélia, falando:

OFELIA

Acho que a crianca vai nascê agora, seu Jango! Tá com tôdo o geito, mas a mãe eu tô vendo que tá muito atrezadinha. Não sei si terá força prá resistí.

JANGO

Veja se me sarva a chinoca, dona Ofélia. A gente já tá tão acostumado um com o outro... perfiro perdê a crianca.

OFELIA

Eu vô fazê todo o possive prá servá as duas, seu Jango. Se tivê nas minhas mão... Vamo pedí que Nossa Senhora do Parto nôis ajude.

ONOFRE

Vortei digero prá cosinha e enquanto soprava as braza prá alevantá a fervura da água, remexia as palavra das reza dentro da minha cabeça, prá vê si acertava elas dereitinho, mode podê aju dá mais um pouco a aliviá a afrição daquelas pobres vivente. De repente, Jango entrô na cosinha com a rapidez do relâmpago e passando a mão na chalera que tava nas braza, foi saindo e dizendo...

JANGO

Bota otra digero, Onofre. (AFASTANDO) Penso que vamo perciá mais agua.

ONOFRE

(NARRANDO) Per enquanto eu fazia o serviço de enchê outra chalera, já ouvi, lá no quarto, os mugido da nova cria. (SEGUE A NARRAÇÃO SEM PARAR)

OPERADOR

CHORO DE CRIANÇA RECEM NASCIDA/AFASTADO/PERMANECE EM FUNDO ALGUNS MOMENTOS E VAI SUMINDO/AOS POUCOS/ATÉ DESAPARECER DE TODO

ONOFRE

(QUE SEGUIU NARRANDO SEM ESPERAR A RUBRICA ANTERIOR) Meu coração sentiu um desafôgo. Una vez que a cria já tinha nascido, podia bem sê que as cousa cambiasse de rumo e a "magra" se afag tasse daquele rancho que ela vinha rondando deis da vésprea de noute. Abri a porta da cosinha, mode arrespirá um pouquito de ar mais puro e ví que o dia tava criando. Ví a sombra da figura

grande da beira do agude se desenhando no lusqui-fusqui da manhã serena e pensei comigo que a claridade do sol, que não ia demorar muito a sair, havia de trazer novas esperanças, modo desapercebido de um todo o coração de gente. Como que querendo agradecer ao patrão véio lá de riba a ajuda que ele havia nos dado, levantei meus olhos pro céu, onde as últimas estrelas estavam se apagando, e quando ia dizer qualquer coisa que nem me lembro mais o que era, senti que alguém, vindo de dentro do rancho, tinha se parado do meu lado. Abaixei de novo a cabeça e dei com Jango Borge ali junto de mim, mais branco que tofia de arta, o suor escorrendo pelo rosto e rebriando na pele bronzeada daquele índio guapo. Percebi logo que ele precisava me dizer alguma coisa e fiquei na espera. Sua voz parecia travada na garganta e ele teve que fazer força pra poder falar.

JANGO

Onofre... vai tá lá... ajudá a véia. Tu num posso mais ficar lá dentro. Não dá. A chinoca me olha com os olhos quase apagados, como que me suplicando que sarve ela e aquilo ainda me machuca mais. Não posso registar. Fosse um bicho-já era coisa de machucar, quanto mais ela.

ONOFRE

(NARRANDO) Fui pra lá na mesma hora e logo ao entrar no quarto, senti que a véia estava atarantada. Perguntei pra ela se queria que eu fizesse alguma coisa e ela me respondeu meio istontida:

OFELIA

O que é que a gente podia fazer? Um café bem quente, quem sabe? Ela tá toda gelada... podia ser que animasse ela.

ONOFRE

(NARRANDO) Fui digero na cozinha e não demorei três minutos de volta com a caneca de café.

OFELIA

Você me levanta um poquinho a cabeça dela que eu vou dando uns golesitos assim meio escasso que é pra modo ela não se engasgar. Digam que é pra não sacudir a cabeça dela que ela tem que tá muito tonta a pobre. (PAUSA) Assim. (PAUSA) Chega. Não precisa mais que isso. Agora vamos vê.

ONOFRE

(NARRANDO) Foi trabalho perdido. A pobre da chinoca não podia mais engolir o café, vortando da garganta, se esparramava pela fronha do travesseiro, pelo lençol da cama e pelo camisão da Ber-mira que parecia que ia se afogando, despacito, numa ronquera que não dava alívio. (TOM) Mais de uma hora, ainda, a véia tentou diversos remédios caseiros, mas vendo que nenhum dava resultado e que a ronquera já estava se apagando a ponto da gente quase nem mais ouvir, a véia cansada, me disse, ~~xxx~~ enxugando o suor que lhe escorria pelo rosto:

OFELIA

Me arranja uma vela, Onofre e meio digero que essa não tem mais

- vorta.
- ONOFRE (NARRANDO) Eu ainda alembrei ela de ensilhá o meu zaino e dá uma corrida até o povoado prá buscá o dotô, mas ela me disse logo:
- OFELIA Não paga pena. Mais ante que vancê tenha chegado lá, já ela dexô de egistí. Vai sê só o trabalho do dotô vim e vortá sem pudê fazê nada. Anda, seu Onofre, vai buscá duma veiz a vela que eu pidi, mais ante que seje tarde.
- ONOFRE (NARRANDO) Fui digero na cosinha campíá uma vela na partelera do almário e quando vinha com ela, de vorta, na passage pela porta que tava aberta pro campe, vi Jango Borge do lado de fora, encog tado na batente, eiando quito pro céu, a móde de quem tava rezan do. Tava tão ensimesmado o pobre, que nem me viu passá rente.
- (PAUSA E TOM) Quando eu ia entrando no quarto, a véia me disse, nervosa:
- OFELIA Açende ela digero, seu Onofre, sinão a pobre vai morrê nas treva.
- ONOFRE (NARRANDO) Acindí. Ela agarrô digero a vela e ajoelando ao lado da cama da Bermira, botô a cuja na mão da chinoca, justo na hora em que ela tava arrevirando os óie. Ficamo os dois ali... parado ... em silêncio... eiando prá ela por muito tempo, até que a véia tirô a vela da mão da coitada, apagou ela, cruzou as mão de difunta em riba do peito e se alivantando do chão foi dizendo baixinho:
- OFELIA Pronto. Se triminar a cansera da pobre. Eu vo'atendê a criança e vancê vai avisá Jango Borge, móde ôle tratá do enterro.
- ONOFRE (NARRANDO) Eu saí a campíá Jango Borge e fui encontrá ele no mesmo lugá e na mesma postura, do lado de fora da cosinha, encostado no batente da porta, eiando sempre pro céu. Eu sabia do desgosto que tava lá dá pro pobre home, mas que é que eu podia fazê? Tinha de dizê a verdade. Não adiantava enganá. Arrespirei fundo como que prá tomá mais folgo e garrá corage e botando a mão no hombro d'ele, prá que ôle se desse conta da minha presença, le disse, mansinho: (DIALOGANDO) Jango...
- JANGO Han?
- ONOFRE (DIALOGANDO) Sou eu, Jango, o Onofre.
- JANGO Sei...
- ONOFRE Eu... eu vim... prá le dá a notícia.
- JANGO Notícia? Que notícia?
- ONOFRE Bueno, Jango... é que... vancê sabe como sã as coisa. Das veiz o Patrão véio ditrimina elas dum geito que não sustifais a vonta de da gente... A criança tá sarva.
- JANGO E a Bermira? (PAUSA GRANDE) Fala, Onofre. A Bermira tá rdin, não

é? A véia já tava achando isso, dês que o baile ainda não tinha bem começado.

ONOFRE Ela num tá ruim, não, Jango Borge. Ela... Ela já adescansô de tudo, já não tá mais sofrendo.

OPERADOR FUNDO VIBRANTE E FUNEBRE AUMENTANDO A TENSÃO

JANGO Já... já não tá mais sofrendo?!... Qué dizê que... (PAUSA/CAI)
Eu já cumprendí tudo, Onofre.

ONOFRE Vancê... precisa tê corage, Jango Borge.

JANGO Corage eu tenho, Onofre. Sempre tive. Nunca fui home de me asutá de nada. Nem mesmo da morte já pensô no que vai sê a minha vida agora, sem ela? Vancê já pensô, Onofre? Era por ela que eu trabalhava... era por ela que eu vivia... era por ela que eu suportava, sem queixa, os maus trato do tempo e as cansera do arq do. Quiria mais, sempre mais, trocando cada gota de suor deste corpo maduro por um palmo de terra que me omentasse as colheta. Não que eu desejass as riqueza prá mim, que o que eu tenho chegava de sobejo, mas prá ela eu achava que ainda tudo era pouco. E justo agora que a lavoura se amostra melhor do que nãnca, quando a sorte paricia abrí risonha os seus braço prá mim, a chinoca me abandona e se vai prá otros pago onde não levam caminhos que possa trilhá por vontade. Isso é duro, Onofre... é muito duro. mesmo pra um home da minha força.

ONOFRE É duro, sim... eu sei, Jango Borge... mas a vida é assim o que é que a gente pôde fazê, num é?

JANGO (ÓDIO CONTIDO) Peste de vida! De que vai me servi, agora, tudo o que eu ganhei a custa de tanto trabalho e de tanta cansêra? Prá que tudo isso agora? Prá que?

OPERADOR CHORO AFASTADO DE CRIANÇA RECEM NASCIDA/LÁ DENTRO DO RANCHO

ONOFRE Tá uvindo a resposta, Jango Borge? Deus tá le dando ela pela bôca da inocentinha.

JANGO (DEPOIS DE PAUSA EM QUE ESCUTA O CHORO AFASTADO) Tem razão, Onofre, tem razão. Eu até tinha me esquecido dessa pobre criança.

ONOFRE Sempre uví dizê que Deus é bãn e que quando tira uma coisa da gente... outra coisa nos dá. Si ôle levasse a mãe e a criança... vancê ficava sem nenhum consolo.

JANGO É isso, sim, Onofre. Deus é bãn de verdade. Me deixô esse pedaço da chinoca prá não me tirá de um tudo a alegria de vivê e a corage de trabalhá!... Brigado, meu Patrão Véio! Munto ubrigado! E me perdoa de tê xingado com asco a vida que tú me deu!...

OPERADOR ELEVA O CHORO DA CRIANÇA E FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO

OPERADOR CARACTERISTICA PARA INICIO DO SEGUNDO ATO/FUNDE COM MUSICA DE
NARRACTO QUE PERMANECE EM BG

ONOFRE (NARRANDO) O que foi a vida e a luta de Jango Borge nos ano que se seguiram depois da morte da Bermira, eu fui testemunha por que passei a vivê ali, dentro daquele mesmo rancho onde a finge tinha vivido e onde o gaúcho rude passô a fazê, de uma só feita, o papel de pai e de mãe da indiazinha que o Padre Balta zá arregistrou com o nome de Antonia Maria, mas que a gente acabô portratá de Nicota. Muitas veiz, nos dia de chuva, quando não era possive levá ela junto pro campo, eu me revezei com Jango Borge, ficando no rancho prá arrepará a criança, por enquanto ele ia fiscalizá os empregado na lavora. E assim muitos ano se passaram e a Nicota foi crescendo e se fazendo moça. Me alembro ainda, como se fôsse hoje, da conversa que Jango teve com ela, depois do fandango que nós tinha feito no rancho, no dia que ela tava fazendo dezasetê ano.

JANGO E então, minha filha? Tá sastifeita?

NICOTA (TRISTINHA) Tô, pai.

JANGO Tá gostô do fandango, Nicota?

NICOTA (IDEM) Gostei, pai.

JANGO Não tá me parecendo, filha. Seja franca pro seu pai, vamo.

NICOTA Gostei, pai, eu já disse.

JANGO Tá disse mas tú não gostô. Eu tô vendo que tú tá triste. Que é que hai?

NICOTA Nada, pai. É que eu tô cansada, por isso.

JANGO Não. Tú podia bem tá cansada sem tá triste. Um causo nada tem que vê com o outro. Vamo, fala. Tú não tem confiança no teu pai?

NICOTA Tenho, pai.

JANGO Tú não sabe que o teu pai é teu amigo?

NICOTA Sei, pai.

JANGO Pois entonce que bobage é essa de querê escondê o que tú tá sintindo? Fala, vamo. Si fô qualquer cousa que teu pai possa te ajudá...

NICOTA Não é nada, não, pai. É bobage minha.

JANGO Seja o que seja eu quero que tú me conte. Vamo, fala.

NICOTA Sabe o que é? pai? É que... é que eu vejo as outra, sabe pai? Todas ela tem namorado e eu também gostava de tê, mas... ninguém me namora.

JANGO Bueno, é que... é que tú ainda é muito novinha, filha e eles percura sempre as mais taluda. Quando tú crescê mais um mucado...

NICOTA (CORTA) Não, pai, por sê nova, não. A Izabé do seu Juca é mais

neva que eu e tem; a Ondina, do vizinho Porfírio, tem a mesma idade que eu e também tem; a Crotirde... a Finoca... a Evvira ... tôdas ela e da minha idade e tem.

JANGO Bueno, também... prá namorá os pé rapado que elas namora, eu vô te dizê que nem paga a pena, filha.

NICOTA Bueno, mas pelo meno elas se deverte e num fica sozinha nas fog ta.

JANGO Deixa, minha filha, deixa. Não te amofina por causa de namorado. Quando menos tú espera, te aparece um tú te casa.

NICOTA Será, pai?

JANGO Tô te dizendo. Tú vai vê só.

NICOTA Tomára que seja. Eu ia vivê tão triste se não me casasse!

JANGO Mas tú te casa. Pode ficá adescaneada que tú te casa.

ONOFRE (NARRANDO) Aliviada pela certeza das afirmação do pai, Nicota foi prá dentro do rancho já mais satisfeita, e nós ficamos os dois assentado do lado de fora, gosando o silêncio da noite calma e conversando. Passô uns momento que nenhum dos dois disse nada e foi Jango Borge quem falô prezere!

JANGO Tá viu, Onofre?

ONOFRE (DIALOGANDO) Ví, Jango Borge.

JANGO Entonce me diz uma cousa: um pai que faz tudo como eu faço prá essa filha, que é que pode fazê num caso desses?

ONOFRE (DEPOIS DE PAUSA) E... vancê agora me entalô. Num sei o que possa.

JANGO Mas eu sei, Onofre. Só no tempo de le fazê a pergunta já eu mesmo achei a resposta. Vô trabalhá duas veiz o que tó trabalhando, móde que ela possa ficá bem rica e vancê vai vê como em dois tempo o marido aparece.

ONOFRE Me desculpe que le diga, Jango Borge, mas cá no meu modo de pensá acho bobage o que vancê tá pretendendo fazê. Vancê já tem bastante de seu e não tem pouca idade prá tá trabalhando dobrado.

JANGO Num faz mal. Si prá dá uma aligria prá minha Nicota fêsse perciso eu trabalhá trez veiz o que tou trabalhando, vancê pode tá bem crente que eu fazia.

ONOFRE Ora que novidade! Isso num era perciso que vancê dissesse.

JANGO Pode escrevê o que eu le digo nesta noite, Onofre! dentro de dois ou treiz ano, si tanto, eu deixo de me chamá Jango Borge si não tivê dobrado o que tenho de meu. Aí a Nicota vai sê rica de verdade e vai podê comprá tudo que ela quisê, até mesmo um marido.

ONOFRE (NARRANDO) E Jango Borge se disse... melhor feiz. Depois de

passado pouco mais de dois ano daquela noite, comprou, com dinheiro batido e ganho no trabalho, a fazenda vizinha do seu campo, se tornando, dêsse modo, uma dos fazendero mais forte das parage. E foi assim que es vinte ano de Nicota já foram a-festejado na casa nova da estância arrecém comprada e não houve, em tôda a redondeza, moço gaúcho que não fôsse convidado para a festança. No dia seguinte, quando tudo era silêncio dentro de casa e nós dois tava assentado no avarandado da frente, olhando á lua de fora, a conversa de novo vertô.

JANGO

Seu Onofre... eu tô convencido que gaúcho não se vende. Vancê viu a montuera deles que tinha onte aí e nenhum se engraçô pela Nicota. Será que é o geito dela assim meio dexado?

ONOFRE

(DIALOGANDO) Não é isso, não, Jango Borge. O causo é outro.

JANGO

Que será? Diga Onofre.

ONOFRE

Vancê não vai se incomodá que eu le diga a verdade?

JANGO

Ara que! Bobage, home. Diga, no más.

ONOFRE

Vandê sabe perfeitamente que eu quero bem a Nicota. Ela, a bem dizê, é um bocado minha filham tombém.

JANGO

Mas tá visto. Vancê me ajudô a criá ela...

ONOFRE

O que acontece, Jango Borge, é que a Nicota, coitadinha, é muito feia.

OPERADOR

PONTADA AGUDA E TRÁGICA/BEM FORTE/FICA FLUTUANDO UM MOMENTO E CAI.

ONOFRE

(CONTINUA DIALOGANDO) A gente não chege bem a se dá conta da verdade porque qué bem a ela e o bem querê apaga a feiura prá os olhos da gente, mas olhando as cousa do lado de fora, deixando o bem querê prá um canto do coração, cumparando ela com as outra a gente num pode deixá de arreconhecê isso.

JANGO

Home... vancê acha que a Nicota é feia, Onofre?

ONOFRE

Não sô eu que acha, Jango Borge. Tudo mundo acha. Não acha vancê que é pai, mas compara ela cas outra que vancê acha deferença.

JANGO

Num vejo deferença, Onofre. Só os ólho é que são trocado, mas isso já me disserô que a gente pode mandá endereitá.

ONOFRE

Não adianta, Jango Borge. Vancê me desculpe mas não adianta. Não é só os olho, não, meu amigo. É o nariz chato... os dente amontoados... o cabelo rúm... as perna cambota... Ela é feia memo, e pobrezinha, o que é que a gente vai fazê? Dimudd ela tôda não pode, Eu digo isso prá vancê com tôda a franqueza de gaúcho, que é prá vancê tirá duma vez de cabeça essas indéia de casá a Nicota. E se le digo com franqueza ruda é porque sou seu amigo e me dáe vê vancê inludido e sonhando com coisa que não pode sê.

JANGO (DEPOIS DE PAUSA) E... sí é ansim mesmo como vancê diz... a gente não pode fazê nada.

ONOFRE (NARRANDO) Depois daquele dia, nunca mais Jango Borge vortou a falá prá filha em assunto de casamento. Quando por acaso ela dizia qualquer coisa era ele o premeiro a desviá a conversa, mas com tudo isso eu sentia que, bem lá no fundo do coração, ele ainda não tinha perdido a esperança de um tudo. É tanto isso que eu digo era verdade que, tôdos os ano, com o pretexto do anever sário da Nicota, êle continuava ajuntando a gauchada toda das redondeza num fandango de dá laçoço. E a Nicota ia andando. Vin te um... vinte dois... vinte treiz... vinte quatro ano... e nada. Mas deixa que quando foi a festança dos vinte e cinco, apareceu na fazenda um intaliano mascate, o Vitorio, home dos seus trinta e poucos ano, conversadô, bem paricido, desempenado e ambicionero o que logo viu na filha do fazendero - sortera e sem pretendente - uma ocasião como não hai muitas de fazê a sua independencia. E enquanto todo o mundo dansava, cantava e se divertia, o Vitorio, assentado debaixo duma figuera, do lado de fora da casa, dizia prá Nicota, as palavra que ela tanto tinha desejado ouvi.

OPERADOR ENTRA EM FUNDO COM "QUEROMANA"/CANTADA COM CORO/ATE NOVA RUBRICA
ESTÚDIO (AJUDA EM FUNDO OS RUIDOS DA FESTA/COM VOZES/RISOS E ETC.)

VITORIO Tú não tem namorado, Nicota?

NICOTA Não... nunca tive.

VITORIO Não pode sê. Como nunca teve? Uma menina simpatica como tú então não ia tê namorado?

NICOTA Não tive... juro.

VITORIO E perchê?

NICOTA Não sei... nunca ninguém me namorou.

VITORIO Ou tú que não quiz namorá ninguém?

NICOTA Eu quiz, sim, mas nunca arranjei namorado.

VITORIO É uma coisa difícil da gente acreditar. Tú não será uma beleza, mas é uma menina simpatica, bem educada... uma menina que convexa sa direitinho, que não é dessas sirigaita que anda se oferendo pros home... Uma menina como tú é que me servia prá eu me casá.

NICOTA (RI CONTENTE MAS ENCABULADA)

VITORIO Tu tá rindo perchê? Tú não acredita?

NICOTA Não sei...

VITORIOV Mas si eu tô dizendo, como é que não sabe? Tú pensa que eu ia menti?

NICOTA Tú pode tá dizendo prá fazê galhofa de mim.

VITORIO Como galhofa? Que é isso de galhofa? Mentira, tú que dizê? Olha,

Nicota, escuta bem o que eu vó te dizê: eu tô com trinta e cinco ano e no me casei intê hoje porque no achei uma moça como eu desejava. Una moça simples, sem os artificio das pintura, una moça que nunca tivesse dado a sua boca a beijá prá os otros home...

NICOTA (RÁPIDA/MEIO TIMIDA) Eu nunca dei.

VITORIO Una moça trabalhadeira, decente, que fosse capaz de cuidá da nossa casa com todo o carinho, una moça, enfim, que fôsse assim como eu sei que tú é.

NICOTA O pai e o padrinho Onofre sempre diz que eu sei cuidá bem da casa.

VITORIO Mas é claro que tú sabe. A gente tá vendo. Não precisa ninguém dizê. Por isso que eu digo que se tú quizesse e o teu pai estivesse de acórd, que eu me casaria contigo logo que ficasse pronto o teu enxoval. Tú tá de acórd em te casá cumigo?

NICOTA (TIMIDA/RISONHA) Eu tô...

VITORIO E o teu pai, o que é que tú pensa que êle seria capaz de dizê?

NICOTA O pai não sei, mas eu acho que eu pidindo prá êle que ele deixava.

VITORIO Bom, então vamo fazê uma coisa: amanhã tú fala com ele e depois de amanhã eu venho aqui sabere a resposta. Si ele também entive de acórd eu já falo com ele e já peço prá ele a tua mão em casamento. Tá bem assim?

NICOTA Si o senhor quizê eu posso falá com ele agora.

VITORIO Não, não, agora não. Tem muita gente, êle tem que atendê os convidados, é melhore que seja amanhã.

NICOTA Tá bem... eu falo com êle amanhã, então.

VITORIO Tú tá contente, Nicota?

NICOTA (RISINHO TIMIDO) Eu tô...

VITORIO Eu também tô. Acho que nóise vamo acertê os relógio e vamo sê muito felice.

OPERADOR SOBE O FUNDO POR MOMENTOS E FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM BG

ONOFRE (NARRANDO) Quando o festo tava terminado, Nicota só esperô que saísse o último convidado e veio correndo dá a notícia pro pai. Tava tão assanhada e tão sustifeita que nem parecia aquela nena chineca que vivia calada e encolhida pelos canto. Contô pro pai a conversa toda que o Vitorias tinha tido com ela e terminô com uma súprica:

NICOTA (SPLICA) Tú deixa eu casa com ele, num deixa, pai?

JANGO Num sei, minha filha, temo que vó. Eu preciso falá dereitinho com ela...

- NICOTA Ele disse que vem cá depois de amanhã pra falar contigo.
- JANGO Pois tá bem. Inté lá a gente tem tempo de pensar na resposta.
- NICOTA Eu queria, pai. Depois eu não arranjo outro e faço sortera.
- JANGO Eu também queria, Nicota, mas a gente precisa vê se o rapaiz é bão.
- NICOTA Memo qui não seje, pai. Eu perfiro me casá com rúim do que não me casá.
- JANGO Vai dormí, filha, vai. Ainda temo dois dia pra pensar nesse assunto.
- NICOTA Eu vô, mas se tú não me dexá eu me casá com êle, eu não vô mais querê bem tú.
- ONOFRE (NARRANDO) E Nicota, crente que Jango Borge não teria a corage de contrariá por muito tempo a sua vontade, se arretirou para o quarto, sastifeita da vida. Nós fiquemos, como sempre acontecia depois dos fandango, assentado no avarandado da frente da casa, conversando.
- JANGO Que é que vancê acha dêsse casamento, Onofre?
- ONOFRE (DIALOGANDO) Home... falá a verdade memo eu nem sei. Acho perigoso.
- JANGO Perigoso por que?
- ONOFRE Esses gringo que aparece sem a gente sabê quem são...
- JANGO Bueno, mas eu não vô dá o meu consentimento sem i lá no povoado tirá arguns informe. Arguem é de conhecê ele lá.
- ONOFRE Bueno, pois faça isso. O homem não sendo casado, nem ladrão...
- JANGO É justo o que eu penso, Onofre,. O resto... vancê nêmo ovriu ela dizê que perfere casá com rúim que ficá sortera.
- ONOFRE Eu não sô muito de casamento com pélo extranho...
- JANGO Eu também não, mas vancê vô que a Nicota tá com vinte cinco ano e os daqui refuga...
- ONOFRE Ah, pois é... Si ela não se importasse de ficá sortera ~~XXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXX~~ muito melhor.
- JANGO Tá visto que era, a gente sabe... Mas ela não qué...
- ONOFRE (NARRANDO) Aquela noute fiquemo os dois acordado até tarde, ruminando o cause do casamento da Nicota sem sabê o que seria melhor fazê. Quando foi no dia seguinte, memo tendo passado a noute quegi tóda acordado, Jango Borge se bateu tempranito pro povoado. A Nicota não teve outra conversa, o dia tódo, que não fôsse o gringo Vitorio. De noute Jango Borge verteu. Mal tinha apeado do cavalo, oiou pra nós e foi dizendo!
- JANGO É sortero e diz que é bão.
- ONOFRE (NARRANDO) A Nicota deu pulo e mais pulo, ora agarreda no pescoço do pai, ora no meu e vertava depois pro pai e vinha outra vez pra mim e tanto pulou e tanto se riu que o pai acabou rian

do com ela prá pará quêta. Quando foi no otro dia o mascate veio sabê a resposta, conforme havia combinado com ela. Chegô, conversô uns quinze minuto com Jango Borge, os dois solito na varanda e por fim êle chamô a filha prá dizê que ela tinha sido pedida em casamento e que ele tinha o seu consentimento. Eu fui chamado logo despois e embora não fôsse do meu agrado aquele casamento, não pude fazê outra coisa do que abraçá a Nicota e apertá a mão do gringo dizendo que desejava que os dois fôsse muito feliz. Ele todo risinho me arrespondeu:

VITORIO Nois vamo sê muito felice, sim, pode tere a certeza. Ela é bôa moça e eu sô bom rapaize... Dois bom quando se junta, fica melhare. (RI/GOSTOSAMENTE)

ONOFRE (NARRANDO DEPOIS QUE O RISO SE APAGA) O casamento ficou acertado prá logo despois que o enxoval ficasse pronto e como a pressa da Nicota era grande veio tudo pronto da cidade em pouco mais de dois meis. E foi ansim que uma noute ela disse pro Vitorio:

NICOTA Eu já tô com tudo pronto. Inté o vestido de noiva, a grinarda e o véo tá tudo aí.

VITORIO Muito bem. Então agora se falta una coisa se feita prá eu marcá dispois o dia do casamento.

NICOTA Que é?

VITORIO Tá vai falá com o teu pai - ma como cosa tua, hein? Vê bem - e pedi pra ele, como presente de casamento, dali i no cartório e botá essa fazenda no nome tuo. Despois de isso feito... a gente se casa logo.

OPERADOR CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO SEGUNDO ATO

OPERADOR CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O TERCEIRO ATO/FINDE COM MUSICA DE NARRACCO

ONOFRE (NARRANDO) Quando a Nicota fez aquele pedido pro pai e ele veio me falá, eu vi logo que a coisa tinha sido soprada pelo mascate e não pude dexá de percurá abrí os olho de Jango Borge.

(DIALOGANDO) Vancê tomecuidado, companhero. Não faça bobage prá satisfazê o mascate. Prá essas ave de arribação a gente não pode dá muita tza. Se dá se arrieça.

JANGO Mas si eu não dá êle não casa, Onofre e nestas artura dos acontecimento a Nicota é inté capaz de se atirá da ponta cabeça dentro da cacimba.

ONOFRE Porque vancê não dá um pedaço e assegura o otro?

JANGO Já falei isso prá ela, mas ela não tá concorde. Qué a fazenda tôda e mais o dinheiro que té no banco.

- ONOFRE Mas e vancê? De que vai vivê? Ela não se lembra? Vancê devia falá isso prá ela.
- JANGO Já falei, mas ela disse que eu continua aqui na fazenda, a mesma coisa como se fôsse o dono, lidando com tudo e tirando o que fô preciso.
- ONOFRE Não sei, não, Jango Berge... Esse negocio não tá me cherando bem. Que bobage é essa da Nicota? Ela nunca foi disso...
- JANGO Disse que quê tá o gosto do marido pudê dizê que ela é dona duma fazenda e tem caderneta no Banco.
- ONOFRE É essa conversa tôda, não te parece sermão encomendado, Jango Berge?
- JANGO Home... talvez seja... e talvez não. Ela me jura, de pé junto, que ela nem tá sabendo desse caso todo. Que é uma surpresa que ela quê fazê prá êle no dia do casamento.
- ONOFRE Sei, não. Em todos os caso faça lá e que vancê quizê.
- JANGO Eu vô fazê, sabe Onofre? Arregeitá não dá, que ela é bem capaz de fazê qualquer locura e de todo o jeito isso é dela mesmo... foi prá ela que eu ajuntei...
- ONOFRE Vancê que sabe.
- JANGO Eu boto nas mão de Deus e seja tudo como êle achá que deve de sê.
- ONOFRE (NARRANDO) Foi Jango passá os seus pertence pro nome da filha e oito dias depois o gringo tava casado. Tiraro dinheiro da caderneta e foram viajá. Diziam que por uns tempo, mas foram ficando... foram ficando... e um dia mandaro diê que tinham reservido morá na capital e que não iam voltá sinão de passeio, no fim do ano, prá arrecerbê o dinheiro das colheta e visitá nôis. Mas deixa que antes do fim do ano chegê, apareceu lá, de automove, um velhete com ar de matrero, dizendo que era diretor duma sociedade rural e que andava visitando as fazenda daquelas parage prá obesservá como era feito os trabalho em cada uma delas e depois introduzi, numa fazenda que a sociedade possuia, tudo aquilo que le parecesse de vantagê. Ficô lá um dia tôdo... pousô uma noite... e na manhã seguinte, muito cedo, lá se foi o velhete prá diante. Pois bem, não demorô nem um meis que ele tinha andado por lá e de repente ele aparece otra vez.
- JANGO De vorta, companhero?
- SODRE É verdade, o senhor não me esperava tão ligeiro, pois não?
- JANGO Bueno... prá le dizê memo a verdade, eu nem le esperava nunca mais.
- SODRE Pois é, mas scontece que esta fazenda me agradou mais que tô-

das as outras que eu visitei e então vim... para ficar. Aliás... à esse respeito, precisamos ter uma longa conversa, senhor Jango.

JANGO Home... eu não tô entendendo nada, o senhor qué sabê? Essa conversa de vim prá ficá e de té que falá comigo... tá me parecendo que o amigo tá meio enganado.

SODRÉ Não, não, absolutamente. Não estou enganado, não, meu amigo. Eu vou lhe relatar em breves palavras o que aconteceu e o meu amigo vai logo entender. Eu acabo de adquirir esta fazenda.

OPERADOR PONTADA AGUDA/FORTE/FICA SOANDO UNS MOMENTOS EM BG E DESAPARECE

SODRÉ (DEPOIS DO ACORDE) Entendeu agora?

JANGO Não entendi.

SODRÉ Eu estou lhe dizendo que comprei do seu genro esta fazenda. Que sou eu o dono dela agora. (PAUSA LONGA) Será que o senhor ainda não entendeu o que eu disse?

JANGO Entendi, sim senhor... entendi.

SODRÉ Eles resolveram comprar um belo palacete na cidade e mais uns prédios para renda, de maneiras que se desfizeram desta propriedade para poderem realizar a transação. Paguei-lhe três mil contos por esta fazenda. Bom dinheiro, não?

JANGO É... de fato... ela não chegô bem a me custá mil...

SODRÉ Como vê, o seu genro e a sua filha fizeram um ótimo negócio. Agora temos nós que conversar, senhor Jango. Seu genro me disse que o senhor é o administrador aqui?

JANGO Administradô? Ele disse? É, só. Agora só administradô.

SODRÉ Pois é, meu amigo, mas acontece que a Sociedade Rural, da qual eu sou Diretor Presidente e que foi quem comprou a fazenda do seu genro, resolveu botar aqui, no lugar que o senhor ocupa, um filho meu que é agrônomo. Eu não me oponho a que o senhor continue aqui, creio mesmo que vou precisar dos seus serviços, entretanto o senhor terá que baixar para a categoria de capetaz. Ser ve-lhe a proposta?

JANGO Não. É só la paço que deixe ficá por aqui os meus pertences durante mais uns poucos dia, enquanto eu saio por aí a campá um novo pouso.

ONOFRE (NARRANDO) Eu sei com Jango Borge e durante três dia batemo casco na poeira da estrada, perc rando trabalho. Por fim, ele se acomodou de pesterio na Fazenda da Graça, do Coronel Severino e eu me toquei prá diante. Até o momento da gente se despedir, não ouvi uma queixa daquele indio valente. Suas palavra de despedida eu ainda me alembro como se fusesse hoje!

JANGO Foram vinte e seis no que a gente tivamo junto, e agora temo

que nos separá. Vamo senti falta um do otro, tá viato, mas não há de sê nada. Pode sê que ainda um dia a vida vorte a nos a-juntá de novo debaixo do mesmo têtô.

CNOFRE

(NARRANDO) Depois que me botei a caminho e comecei a pensá na quella injustiça tã grande, me deu uma vontade tremenda de xingá aquella mascate desgredado e me mandei de vorta prá fazenda prá conseguí de novo dono e deração do cujo. Apontei ela derei tinha num papel e me botei de viagem. Oito dia depois, quando cheguei lá, não encontrei mais o gringo e a vizinha me contô que ele tinha abandonado a Nicota e que tinha ido de vorta prá terra dele. Foi aí que fui sabê que a coitada tava no hospital dos indigente, esperando cria a toda hora. Fui lá. A criança tinha nascido não fazia muito e a Nicota tava ruim, do mesmo jeito que a mãe quando ela nasceu. Cheguei perto da cama e comecei a alisá os seus cabelo empapado de suor, mas vendo que ela não tava stinando muito, le disse, no seu ouvido, que era eu que tava ali perto dela e a pobresinha sorriu levemente, amostrendo, por um momento, os seus dentes amontuado. Saí dali mui ligero e fui passá um telegrama pro Coronel Severino, mode ele mandá o Jango Borge. O índio não esperô que eu le chamasse otra vez. Chegô justo uma hora antes da pobresinha entregá a alma a Deus. Jango Borge não botou uma lágrima a quem olhasse prá cara feia do índio não seria capaz de dizê o que ele tava sofrendo em silencio. Acompanhamo o enterro da Nicota e vortemo prá buscá a criança. Era uma menina, também, com os olhos trocado, iguaisinho os da mãe. Ele agarrô aquelle entesinho de nada com os seus braco forte e saiu caminhando firme prá frente, sem dizê palavra. Na porta de rua parou por um instante e eu aproveitei a ocasião prá le perguntá: (DIALOGANDO) E agora, Jango Borge? Que é que vancô pretende fazê?

JANGO

Agora... tenho essa prá criá, Onofre, Vorte amanhã meno pro campo e vô começá tudo de novo.

CNOFRE

Eu olhei praquelles cabelo quasi tudo branco, pra aquelle corpo que já começava a se curvâ pelo peso dos ano e não pude deixá de dizê baixinho prá mim mesmo: índio de coragem!... (PAUSA E TOM) Faiz treis ano que tudo isso se passô e se hoje me lembrei de les contá esse caso da vida de Jango é porque arrecebi dele um bilhete que me mandô por um próprio, me chamando prá trabalhá junto num pedaço de terra que ele arrendô do patrão. E entre outras coisas me diz:

JANGO

Minha netô é a minha cumpenha, de tãdos os dia e a minha alegria de tãdas as hora e é por isso, Onofre, que eu não me can-

ao de arrepatí o que vou te dizê agora: Deus é bño!

ONOFRE Quando eu li isso, pensei comigo: Deus é bño, na verdade, mas Jango Berge não fica atraia!...

OPERADOR CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DA PEÇA

12 CÓPIAS/AV.